

AMOR UNIVERSAL

"As fronteiras religiosas, raciais, de cor ou de nacionalidade não têm lugar no Reino de Cristo. Devemos aprender a considerar todos os seres humanos como nossos irmãos, sem olharmos a distinções, e esforçar-nos por cultivar o mesmo amor, compaixão e ternura por todos os que sofrem, independentemente do lugar onde nasceram." – Max Heindel

É uma bela afirmação. Inspira-nos e desperta em nós um ideal elevado. Mas basta olharmos para o mundo à nossa volta para percebermos o enorme desafio que representa viver de acordo com estas palavras.

Desde muito cedo aprendemos a identificar-nos com um país, uma cultura, uma religião, uma ideologia ou um grupo social. É natural que sintamos um maior apego àquilo que nos é próximo. O problema surge quando esse sentimento de pertença nos impede de reconhecer a humanidade daqueles que consideramos diferentes.

Vivemos diariamente rodeados de notícias que, consciente ou inconscientemente, reforçam essa divisão. Um acidente numa cidade da Europa ou da América, ou a morte de um soldado desses países, pode ocupar grande parte de um noticiário. Entretanto, milhares de vítimas em África, no Médio Oriente ou na Ásia são frequentemente resumidas a alguns segundos de emissão ou a simples estatísticas.

No entanto, por detrás de cada número existe um rosto, uma família, uma história interrompida, sonhos que jamais se concretizarão. O sofrimento não conhece nacionalidades. A dor de uma mãe que perde um filho é a mesma em qualquer continente. As lágrimas não têm passaporte.

Perante Cristo, nenhuma vida vale mais do que outra. A alma humana não possui nacionalidade, cor da pele ou estatuto social. Essas são características da personalidade transitória; a essência espiritual é comum a todos. Quando esquecemos esta verdade, começamos a desumanizar aqueles que não pertencem ao nosso grupo, e esse é um dos primeiros passos para a intolerância, o racismo e a violência.

Mesmo em tempo de guerra, quando as circunstâncias parecem obrigar-nos a escolher um lado, devemos esforçar-nos por não perder a compaixão. Podemos compreender razões políticas ou históricas, mas isso não deve endurecer o coração. Do outro lado também existem homens e mulheres separados das suas famílias, crianças privadas dos seus pais, jovens com sonhos interrompidos por decisões que nunca lhes pertenceram. E aqueles que se deixam dominar pelo ódio, pelo fanatismo ou pela crueldade existem, infelizmente, em todos os povos.

O verdadeiro trabalho espiritual consiste precisamente em contrariar esta tendência tão humana para dividir o mundo entre "nós" e "eles". A Fraternidade Universal não significa ignorar as diferenças culturais ou negar as identidades de cada povo. Significa reconhecermos que essas diferenças são secundárias perante aquilo que verdadeiramente somos: membros da mesma família humana e filhos do mesmo Deus.

Este ideal pode parecer distante. Basta observarmos o estado do mundo para sentirmos algum desânimo. Mas todas as grandes transformações começaram na consciência de algumas pessoas que decidiram viver de forma diferente. A Fraternidade Universal não nascerá de decretos, nem de tratados internacionais; nascerá da transformação interior de cada ser humano.

Talvez nunca consigamos mudar o mundo inteiro. Mas podemos mudar a forma como olhamos para os outros. Podemos recusar alimentar o preconceito, evitar julgamentos precipitados e lembrar-nos, sempre que vemos o sofrimento de alguém, que aquela pessoa poderia ser um irmão, um filho ou um amigo nosso. Na verdade, do ponto de vista espiritual, já o é.

Se cada um de nós der esse pequeno passo, por mais modesto que pareça, estará a aproximar a humanidade do ideal Rosacruz. E, embora hoje esse ideal ainda pareça distante, chegará o dia em que a Fraternidade Universal deixará de ser apenas uma aspiração para se tornar uma realidade vivida.

António Neves

01 Agosto 2026